

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: uma das tantas histórias

Nelson De Luca Pretto

Doutor em Comunicação. Professor Associado da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Pesquisador CNPq.

E-mail: nelson@pretto.info

Resumo

O presente artigo apresenta um resgate dos 16 anos de atuação do *GT16: Educação e Comunicação* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), a partir da recuperação da história da pesquisa sobre o tema desde os primórdios da pós-graduação em educação no Brasil. Apresenta uma breve retrospectiva de como o tema comunicação, informação e computação (informática educativa) foi tratado em diversas associações científicas de outras áreas que não a educação. Analisa o conjunto de trabalhos apresentados no GT 16 ao longo dos anos e estabelece uma tentativa de classificação, a partir da montagem de um *diagrama de nuvem*, onde os principais temas investigados são apresentados, merecendo destaque as pesquisas teóricas. O artigo apresenta, ao final, uma análise de aspectos que ficaram de fora nessas pesquisas durante esses anos, propondo a abertura de novas frentes de investigação para a área.

Palavras-Chave: História da Educação. Educação e Comunicação. Tecnologia Educacional. Informática Educativa. Anped.

EDUCATION, COMMUNICATION AND INFORMATION: one among other histories

Abstract

This paper presents an overview of 16 years of experience of *GT16: Education and Communication* of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd). It traces the history of research on the topic since the early days of research in education in Brazil. A brief review of the presence of the theme “Information, Communication and Computer Education” in scientific associations in several areas external to the field of education are analysed. We analyse the set of papers presented at the *GT16* over the past 16 years and attempt to “rank” them using a *cloud diagram*, where the main topics investigated are shown and reveal a predominant theoretical approach. We conclude with an analysis of issues that were not dealt with in the educational research during those years, proposing to open up new areas of research in this field.

Keywords: History of Education. Education and Communication. Education Technologies. Computer education. Anped.

Introdução

Esse é um histórico – entre tantos outros – do movimento de criação do Grupo de Trabalho Educação e Comunicação (GT16) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Uma história cheia de conflitos e, mais do que tudo, um dos muitos possíveis olhares sobre a relação da educação com a comunicação, a informação e a computação. Esse nosso olhar, quem sabe, pode contribuir para melhor compreendermos esse movimento de aproximação dessas áreas, às vezes tão distantes, às vezes tão próximas.

De 1990 até hoje, muitas coisas aconteceram no mundo, no Brasil, em Caxambu/MG¹, também, claro, na Anped e no GT16. Para compreender essa história, parti para o resgate do já feito e, inspirado em trabalhos anteriores que buscaram analisar a produção acadêmica nesse campo, começo na busca de identificar “que outras leituras poderiam ser feitas?” (Barreto e Guimarães, 2006, p. 41).

O percurso do GT16: pontos nos is

No verão de 1967, os hippies foram celebrados pelos meios de comunicação de massa. O ano de 1977 foi o do punk rock. Em 1997, a cibercultura se tornou hegemônica com a explosão das ponto-com. (E, claro, absolutamente nada aconteceu nos anos 1980.)

Ken Goffman

Enquanto isso, no Brasil, ao longo, exatamente, da década de 80, vivia-se um momento de certa euforia com a perspectiva de redemocratização em curso, o que levava professores, servidores e estudantes das universidades brasileiras, particularmente das públicas, a resgatar de forma mais intensa e explícita alguns dos temas que, nos últimos anos, estavam, digamos assim, um tanto quanto sufocados. No campo da educação, acabava-se de passar da forte influência dos movimentos populares, que se reorganizavam, com inúmeros autores e instituições buscando retomar um vínculo mais forte com as classes populares, como uma alternativa ao intenso movimento behaviorista que dominou a pesquisa e a pós-graduação em educação no país nos tempos anteriores a essa década.

Era um tempo de retomada de diversas ações, de reorganização de vários movimentos sufocados pelo período da ditadura militar que se implantou no país desde 1964. Apesar da década de 80 ter sido de paradeiro no movimento contracultural mundial (Goffman, 1980), aqui isso pode configurar-se como uma espécie de *esquentamento de motores* para novas rearticulações na sociedade, na universidade, na pós-graduação e na educação.

No ano de 1989 tinham início as articulações para a criação de um Grupo de Trabalho

que tratasse da relação da *Educação com a Comunicação* na ANPEd. Vale a pena voltar no tempo, resgatando a própria história da Pós-Graduação no Brasil que, segundo Jamil Cury (2005), tem até uma data de nascimento: 3 de dezembro de 1965, data do parecer n° 977 do então Conselho Federal de Educação (CFE), cujo relator foi Newton Sucupira. Para Cury, "pode-se afirmar que, do ponto de vista doutrinário, em matéria oficial, esse parecer continua sendo a grande, se não a única referência sistemática da pós-graduação em nosso país" (2005, p. 10). Portanto, a pesquisa e a pós-graduação no Brasil começam a se implantar de forma mais institucional justamente no período da ditadura militar, período esse que coincide, não meramente por acaso, com a explosão do sistema de comunicação de massa, mais especificamente, com o nascimento da Rede Globo de Televisão, em 1965, fruto de acordos internacionais que já articulavam de forma intensa uma tendência que viria a se intensificar de forte internacionalização do sistema de comunicação, ao mesmo tempo que dava início a um processo exagerado de construção de verdadeiros monopólios da comunicação no país, não diferente do que vinha – e continua – a acontecer em todo o mundo (Herz, 1987; Folha, 2001, p. A4).

Era incipiente a pesquisa em educação até a década de 70, segundo o histórico texto de Aparecida Gouveia, no número de estreia dos *Cadernos de Pesquisa* da Fundação Carlos Chagas, em julho de 1971. Em *A pesquisa educacional no Brasil*, Gouveia apresenta a "flutuação" na orientação dos trabalhos, caracterizando três tendências que, "sob o rótulo de pesquisa, têm sido produzidos nas instituições", no campo da educação (1971, p. 2). Segundo a autora, essas "tendências" estão vinculadas a períodos cronológicos e estariam assim distribuídos: no "primeiro período" (1940/1950), "os estudos são, predominantemente, de natureza psicopedagógica" (p. 2); no segundo (1956/1964), "a ênfase deslocava-se, assim, para estudos de natureza sociológica" (p. 3); e, no terceiro, (1964/1971), "esboça-se a predominância de estudos de natureza econômica" (p. 4). A partir dessa constatação, a autora realiza uma análise da produção acadêmica no campo da educação e considera duas grandes categorias para essa análise: os **temas** investigados e as **metodologias** utilizadas. Para o espectro deste trabalho, vale a pena resgatar, também, a sua análise sobre a dificuldade do campo educacional em se deparar com o tema das inovações. Segundo ela, "estudos sobre métodos de ensino e recursos didáticos são bem menos frequentes. Mais raras, ainda, são as tentativas de avaliação sistemática de inovações" (Gouveia, 1971, p. 7).

Percebe-se claramente no seu texto que a luta política em termos de campos de pesquisa e o prestígio de determinadas disciplinas (e acrescentamos, de pesquisadores) já se configurava, porque, segundo ela, essa "flutuação" também estaria vinculada "ao

desenvolvimento e prestígio de diferentes disciplinas – psicologia, sociologia, antropologia e economia – nos países dos quais somos intelectualmente dependentes" (1971, p. 4). Conclui a autora que esse predomínio de uma área sobre outra pode prejudicar a pesquisa em dois sentidos: "em primeiro lugar, não se chega a colher os frutos de uma tradição de trabalho suficientemente amadurecida; em segundo lugar, não se criam as condições necessárias para a realização de projetos interdisciplinares" (1971, p. 4/5).

É nesse contexto que nasce a Anped, em 1977, com seus primeiros anos de vida marcados por uma dualidade expressa em diversos artigos, entre os quais o de Alceu Ferraro, presidente da entidade por duas vezes. Essa dualidade se manifestava em duas frentes: questões científico-educacionais X questões políticas; expansão X elitização.

Eram dilemas que nos possibilitam melhor compreender as dificuldades vividas pelos grupos emergentes, como foi o caso do *GT16*, que considerava fundamental tratar da comunicação numa associação de pesquisadores da educação.

Em artigo de 1985, Pedro Goergen apresentava uma análise do que ele classificava como sendo uma dificuldade da divulgação científica no país, especialmente no campo da educação, uma vez que ela estava associada a três níveis distintos: "primeiro, a qualidade das pesquisas; segundo, a responsabilidade social do pesquisador, e, finalmente, a falta de recurso e meios adequados de publicação" (Goergen, 1985, p. 202). Ao propor alguns "caminhos alternativos" Pedro Goergen indicava a necessidade de aprimorar a divulgação das pesquisas dentro das universidades e dos demais níveis do sistema. Para ele, tornava-se necessário "o uso dos meios de comunicação de maior penetração entre as camadas mais amplas da população. Aqui, está quase tudo por fazer" e "é urgente que o setor da educação acorde e comece a usá-los" (1985, p. 211/2). Essas dificuldades e a distância da educação dos meios de comunicação, tanto em termos da investigação sobre os mesmos, como do seu uso para se dar mais visibilidade ao que se pesquisa, tem sido uma das nossas preocupações e foi objeto de ação da Universidade Federal da Bahia em torno da divulgação científica e das possibilidades de uma relação mais intensa entre a educação e a comunicação, particularmente através da temática Livro Didático. Essa também foi uma das preocupações do INEP na década de 80, quando o instituto buscou elaborar uma política pública de intervenção mais direta, articulando gestores públicos e pesquisadores, ação malsucedida, é bem verdade, pelas forças não tão ocultas do mercado. Em paralelo a isso, o INEP buscou uma aproximação com a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Funtevê), responsável pela coordenação do sistema de televisões educativas do país, na época parte da estrutura do MEC, sendo esta, certamente, uma bela e trágica história que mereceria ser detalhada, mas que aqui não será

possível. Não obstante essas dificuldades, o INEP e a Funtevê estabeleceram uma boa relação institucional, aproximando os profissionais do INEP com os educadores que trabalhavam na Superintendência de Educação da Funtevê, no Rio de Janeiro, no "outro lado" da rua Gomes Freire. Perdoe-me dispersar um pouco, mas é irresistível não atentar para o fato de que esse "outro lado" nada mais é do que uma simbólica e contundente divisão entre a televisão (a comunicação), que ocupava o prédio ao lado direito da rua Gomes Freire, onde estavam localizados os estúdios, transmissores e tudo o mais da televisão, e a educação, que ficava do lado esquerdo da rua, bem em frente, fazendo com que a "conversa" entre esses dois campos se transformasse em um diálogo um tanto quanto difícil. Mesmo com essa dificuldade, conseguimos organizar conjuntamente o *I Encontro Brasileiro de Televisão e Educação*, em 1987, reunindo profissionais da televisão, da cultura, da engenharia e da educação, em saudáveis e produtivos debates.

A temática demandava um olhar mais atento da educação e da ANPEd, não restava dúvida. Mas, desde essa época, percebíamos que a Anped fechava-se demasiadamente ou, quem sabe, tenha já nascido fechada e assim desejava continuar. Eram fenomenais os embates que antecederam a criação de novos GT, dentre os quais o de *Educação e Comunicação*. Os documentos e depoimentos hoje colhidos nos mostram o turbilhão do momento, contexto nada favorável para a criação de mais um GT, tratando da comunicação, área *esquisita* para a educação. A análise dos boletins da Anped (1989/92) indica que essa crise tinha, pelo menos, dois pontos centrais: a precariedade de recursos para o custeio da própria Associação e principalmente das reuniões anuais, e a pseudodualidade científico-política posta nos debates.

A crise ocorria num momento de profunda agitação no país, em função do que vinha sendo implantado pelo presidente eleito em 1989, um presidente fabricado pela mídia, mais particularmente pela Rede Globo de Televisão. O "caçador de marajás" de Alagoas, Fernando Collor de Melo (1989-1991), assumia a Presidência da República em 1989 promovendo confisco de dinheiro nos bancos e defendendo um gigantesco processo de privatizações, dando início à onda neoliberal (Antunes, 2004, p. 11), com reflexos profundos para a educação.

Os Boletins explicitavam isso com todas as letras: "A Anped como um todo e em especial alguns GTs viram-se profundamente envolvidos com questões conjunturais como a Constituinte, a LDB, etc., **chegando a sobrepor-se em certa medida a preocupação política ao caráter científico da Anped**" (Anped, 1990, p. 90, grifo meu). A crise era evidente e relacionada, fundamentalmente, com a dicotomia *estatuto científico* e *atuação política*, não distante da dicotomia *elitismo* – *ampliação de participação*.

O GT16 foi formado na 13ª RA (Belo Horizonte, 15-19.10.90) (Anped, 1990, p. 84), com a mobilização de cerca de 15 pesquisadores e estudantes de pós-graduação, sendo que alguns apenas tangenciando a temática central do GT. Entre essa RA e a seguinte, muita coisa aconteceu. Era um momento de grande efervescência política e a crise já referida estava no seu auge. Após muita polêmica, a Anped decidiu que a sua 14ª RA aconteceria na mesma semana daquela que foi a última Conferência Brasileira de Educação (CBE), na USP/91, onde o novo GT (“em caráter experimental”) já reuniu 19 pesquisadores, apresentando 13 trabalhos escritos e um vídeo, com a presença de 13 Instituições de Ensino Superior, a saber: UFMG, UFGO, UFRJ, UFBA, UFPE, UFSM, UFCE, UFRGS, USP, UERJ, UCP, UnB e Faculdade Anhembí Morumbi/SP (Anped, 1991, p. 60). Pelas áreas de atuação dos primeiros envolvidos, percebemos que as pesquisas abordavam os seguintes temas: Televisão, TV e a criança, História da educação, particularmente o uso de imagens (fílmica e fotográfica) como fonte de pesquisa histórica, políticas dos meios de comunicação e o uso do vídeo como instrumento de pesquisa. De certa forma, esse núcleo original, que não foi exatamente o mesmo que se manteve nas primeiras sessões, concentrava seu foco em duas grandes frentes: *meios de comunicação e análise das imagens*.

Iniciava-se, assim, esse novo campo na Anped, que estava mais próximo da Comunicação do que da Educação, como foi visto logo no primeiro trabalho: *Educação e Comunicação, cruzando caminhos?!* (Pretto, 1991). Nesse texto foi apresentado um levantamento das teses/dissertações produzidas nos Programas de Pós-Graduação (Educação e Comunicação) da USP e da UFRJ, indicando que, de 1971 até 1990, das 49 dissertações/teses produzidas nas duas instituições, 19, ou seja, 38,8% foram pesquisas das Faculdades de Educação que tratavam da relação educação-comunicação, enquanto 30, ou seja, 61,2%, foram realizadas nas Escolas de Comunicação. Mais ainda, de toda a produção dentro de cada área, foi constatado que das 1.124 dissertações/teses produzidas nas Faculdades de Educação da UFRJ e da USP apenas 1,7 % tinha como objeto de estudo a relação da educação com a comunicação, enquanto nas Escolas de Comunicação, das 832 dissertações/teses produzidas, 3,6% abordavam a temática educacional, excluindo neste percentual um grande número de produções na área de arte-educação preocupadas com essa temática.

Observando o catálogo de Teses em Educação de 1990 (ANPED, 1993), além da UFRJ e USP, somente UNICAMP, IESAE, PUCRJ, UCPetropolis, UERJ produziram alguma dissertação/tese sobre a temática, o que nos possibilita inferir que, efetivamente, a produção sobre a temática nas Faculdades de Educação era restrita a poucas instituições. Hoje, isso já

não é mais a realidade, como podemos ver, tanto pelos dados das mesmas duas universidades (USP e UFRJ), como pelo incremento e disseminação da pesquisa sobre a área. O número de IES presentes nesse GT da Anped é indicativo da ampliação dessa preocupação, com o envolvimento de Programas para muito além daquelas 13 instituições iniciais presentes em 1991. Hoje, participam do GT 65 IES, cobrindo várias unidades da Federação.

É, ainda, importante destacar que a temática, ao longo desses anos, vem sendo intensamente discutida em outros fóruns que não os da educação, ou pelo menos, que não aqueles, como a Anped, mais voltados para a pesquisa em educação.

A Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT) pode ser considerada a pioneira nesse campo, tendo sido já denominada Associação Brasileira de Teleducação, instituída em julho de 1971 e, até hoje, atuando na área, com a presença de educadores e comunicadores. A ABT, desde 1969, realiza os Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional, o primeiro em 1969 com o tema *Teleducação de Adultos*, e o segundo em 1970 com o tema *Objetivos da teleducação*, ambos no Rio de Janeiro.

No campo da Comunicação, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), criada dois anos antes que a Anped, em 1977, também trata do tema. A organização dessa Associação se dá em torno dos seus Núcleos, implantados em 2000, incluindo o de *Comunicação Educativa*, criado, conforme descrito em sua *homepage*, “em decorrência das crescentes demandas para se estudar e interferir nas ações educativas e formadoras que, hoje, se encontram profundamente marcadas pelos mais variados sistemas e processos comunicacionais”, com o objetivo de “identificar referências teóricas e metodológicas que possibilitem avançar a reflexão deste novo campo, considerando que ele possui singularidades que compreendem, mas não se reduzem, ao já praticado na pesquisa levada a termo nos âmbitos da comunicação e da educação”ⁱⁱ.

Equivalente ao que é a Anped para a Educação, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) foi fundada em 1991, não tendo sido identificado nenhum trabalho apresentado que tenha discutido, especificamente, algum aspecto ligado à educação.

A temática também é tratada na União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), fundada em 1969, que “congrega profissionais, estudantes, pesquisadores, professores de comunicação e a mídia impressa secular e religiosa, buscando ser um espaço de encontro, de intercâmbio, de definição de políticas e processos comunicacionais e de educação para a comunicação (cf. cap. I, art. 1 do Estatuto).ⁱⁱⁱ

Em paralelo, e agora com mais espaço por conta da intensificação do uso das TIC na

sociedade contemporânea, está a Ciência da Computação, que desde muito se volta para a pesquisa sobre educação. Esta sempre foi uma temática que envolveu os profissionais da informática, e uma análise da história da informática educativa no país nos leva à década de 70. Em três importantes números do *Em Aberto*, do INEP, essa história é resgatada^{iv}, com uma precisa retrospectiva e análise da aproximação da Ciência da Computação com a Educação, com os primeiros movimentos no Brasil e os impasses colocados para o campo durante a segunda metade do século XX. Com isso, é possível perceber que a temática dos computadores esteve presente na educação desde a década de 70, mais particularmente a partir das pesquisas e do desenvolvimento da linguagem Logo. Voltando à Sociedade Brasileira de Computação (SBC), fundada em julho de 1978, é importante ressaltar que essa sociedade científica já realizava, ao mesmo tempo que lutávamos para a criação do GT 16 na Anped, o I Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE – Rio, 1990). A Revista Brasileira de Informática Educativa (RBIE), ligada à SBC, foi lançada em setembro de 1997, constituindo-se num importante espaço de publicação de pesquisas na área.

Mais recentemente, surgiu a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), criada em junho de 1995, sob forte liderança do grupo de profissionais vinculado à *Escola do Futuro* da Universidade de São Paulo e que, como o próprio nome já diz, concentra-se na educação à distância, tema que começa a ser tratado pela Anped, em nossa opinião, de forma ainda tímida.

Podemos, por outro lado, admitir que a relação da educação com a comunicação pode ser retomada desde o nascimento do sistema de rádio e depois de televisão no país. Tanto um como o outro, no Brasil, já nascem educativos, o que não quer dizer que desempenhem a contento essa tarefa. Com isso, as emissoras ditas comerciais foram atuando de forma a não se preocuparem com os aspectos educacionais mais formais, apenas veiculando o que lhes era obrigado por força da lei, de uma maneira geral, em horários muito pouco nobres. É importante destacar a dissertação de Regina Mota, na qual ela transcreve o artigo 51 do Decreto 16.657, de 5 de novembro de 1924, que introduz a regulamentação, pela primeira vez, das estações de radiodifusão no Brasil estabelecendo que a "difusão rádio-telephonica" é "exclusivamente de fins educativos, científicos, artísticos e de benefício público" (1992, p. 14). Somente na década de 60 o governo começa a implantar um sistema de televisões educativas, "como um subproduto da TV Comercial", quando o "Conselho Nacional de Telecomunicações criou o Fundo de Financiamento de Televisão Educativa – a Funtevê, destinado a prover recursos para financiar a instalação e a manutenção de um Sistema Nacional de Televisão Educativa – SINTED" (1992, p. 27/8). A primeira televisão educativa

no Brasil foi universitária, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco, em 1967 (Magalhães, 2007). Na década seguinte, implantou-se a TVERJ, emissora do governo federal ligada à antiga Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Fcbtve). Em 1975, depois de produzir, "por quase dez anos, programas educacionais veiculados por emissoras comerciais, o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) autorizou o funcionamento da TVE, Canal 2, emissora de televisão pública. A primeira transmissão foi realizada no dia 5 de novembro e teve como principal atração a exibição do bem-sucedido 'João da Silva', um curso supletivo sob a forma de novela, com roteiro inovador baseado na dramatização de conteúdos pedagógicos e acompanhado de material didático"^v.

Vemos, assim, o quão forte é essa relação da televisão com a educação, e isso foi se manifestando nas primeiras pesquisas que relacionam esses campos e, por isso mesmo, teve forte presença no início do GT16.

Mapear e Navegar em Busca de Novos Territórios

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso."
Quero para mim o espírito desta frase, transformada
A forma para a casar com o que eu sou: viver não
É necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande, ainda que para isso
Tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.
Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso
Tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho
Na essência anímica do meu sangue o propósito
Impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
Para a evolução da humanidade.
É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.^{vi}

Mapear alguma coisa é importante para que possamos conhecê-la melhor, e isso pode servir para uma mera satisfação da curiosidade, por certo, mas não só. Ao mapearmos um território, área, campo geográfico ou teórico, além de conhecê-los melhor, começamos a ter novas possibilidades, já com um plural mais pleno, de navegar e transitar por esses espaços. Nesse caminhar, encontra-se e reencontra-se com os ditos e os não-ditos, e, no nosso caso, com a produção científica que foi dando sustentação teórica ao GT16 da Anped.

Mas, para mapear e depois navegar por esses mares, é importante deixar claras nossas concepções de sociedade e de história. Como afirma Gianni Vattimo, "a história, no único

modo que o Ocidente consegue concebê-la e vivê-la, é a história da secularização. Assim, um dos pais do historicismo moderno, Giambattista Vico, vê o sentido da evolução da civilização humana como uma passagem da era dos deuses à era dos heróis e, enfim, à era dos homens" (Vattimo, 1999, p. 63). Não queremos, com este trabalho, buscar acompanhar o progresso e as linhas determinadas e determinantes da produção científica nesse campo, e, além disso, sabemos assim como Vattimo, que "o sentido da história da modernidade não é o progresso rumo à perfeição final da plenitude, da transparência total, da presença finalmente realizada da essência do homem e do mundo", numa espécie de "direção unitária da história da humanidade" (p. 55). Ao analisar a filosofia e o declínio do Ocidente, Vattimo apresenta sua crítica à Modernidade que tinha como base "a ideia de que a história tinha um sentido progressivo, sendo uma via mais ou menos misteriosa, guiada por uma racionalidade providencial, sempre se aproximando da perfeição final" (p. 55). Numa outra perspectiva, o que nos propusemos a fazer aqui é dar "mais atenção ao qualitativo do que o quantitativo, mais atenção à palavra do outro do que uma visão precisa do objeto" (p. 66). Queríamos superar essa visão precisa do objeto e o resgate que aqui fizemos foi, portanto, identificar as contradições, as diferenças, as possibilidades passadas e futuras que nos permitirão, quem sabe, e sem um enrijecimento do campo, abrigar novos saberes, novas práticas, novas frentes de pesquisa que possam contribuir com uma reflexão profunda sobre a educação e sua relação com os demais campos do conhecimento.

Essa tarefa foi facilitada, como já mencionado, pelos trabalhos que nos antecederam, que analisaram a produção do GT 16 da Anped, além do trabalho já citado (Barreto e Guimarães, 2006). A partir deles, podemos perceber que os primeiros anos, efetivamente, foram dedicados à apresentação de pesquisas que tinham como base a relação da educação com a comunicação, associada de forma muito intensa aos denominados Meios de Comunicação de Massa. Na primeira reunião (1991), o conjunto de trabalhos estava concentrado nessa temática. Percebe-se, claramente, a tensão que já se anunciava entre o campo que predominava e que representava o que se pesquisava na época nos Programas de Pós-Graduação (tanto de Comunicação como de Educação) e o que já queríamos tencionar ao incluir o tema da *Hipermídia e educação: algumas pesquisas e experiências*, convidando Brasilina Passareli, da *Escola do Futuro*, à época parte da ECA/USP. O outro trabalho foi encomendado a Maria Luiza Beloni, na época no Departamento de Sociologia/UnB, com o trabalho *Formação do telespectador: uma experiência de Educação para a Mídia*. Antevemos, com esses dois trabalhos, o movimento do grupo na busca de sua identidade, ou, quem sabe, de suas identidades.

A partir desse momento, o GT consolidava-se e podíamos perceber que o seu enfoque ia se transformando, como aliás transformava-se a sociedade, ganhando, cada vez mais, ênfase a temática das chamadas *Novas Tecnologias da Comunicação* (NTC), que posteriormente foram denominadas de *Tecnologias da Informação e Comunicação* (TIC).

Outros trabalhos analisaram a produção do GT16 e buscaram elaborar categorias, cada uma à sua maneira, e construíram um entre tantos percursos da produção acadêmica no campo. Podemos identificar no trabalho de Rosane Nevado as seguintes expressões como definidoras dos campos de pesquisa: *aprendizagem e interatividade, formação de professores, usos da telemática, educação a distância e interativa e professores colaborativos e cooperativos* (2001). Solange Mostafa e Luis Fernando Máximo identificaram nos trabalhos da Anped e da Intercom três fórmulas discursivas, a saber: *humanismo, criticismo e pós-criticismo* (2003). Para Heloísa Penteadó, o que se encontrou nos 11 anos do GT foram trabalhos sobre *tecnologias interativas, ambientes virtuais de aprendizagem, educação a distância e ciberespaço*. Segundo ela, “passamos das tecnologias massivas para as interativas” (2002), e creio que, analisando os trabalhos até os dias de hoje, podemos constatar que, efetivamente, entramos totalmente na ação e discussão das tecnologias interativas em nossos Programas; no entanto, ainda não de forma intensiva. Mirza Toschi, por sua vez, indicava que o “interesse maior recaía sobre televisão, vídeo, imagens, Escola de Frankfurt” (2001, p. 6). A inserção do GT no universo do digital apenas se deu efetivamente, fora o trabalho encomendado para a reunião de 1992 (*Hipermídia*) a partir da reunião de 1997. Outro trabalho que também busca uma tentativa de análise de tendências é o projeto de dissertação de Silvio Pereira, que identifica as categorias: *produção de mídia, leitura crítica, representação da mídia nos materiais didáticos, formação de professores, mediações e produção de sentido, letramento, uso das mídias como ferramenta de ensino, interfaces entre comunicação e educação, e educação com, sobre e através das mídias* (Pereira, 2007, p. 180).

Foram diversas as metodologias usadas nesses trabalhos, cada qual com o seu mérito. Preferi optar por estabelecer uma visão mais panorâmica da nossa produção, em vez de adotar uma dessas classificações. Vale salientar, antes de abordar as possíveis perspectivas para o GT e para a própria área, que a tarefa de estabelecer indicadores e categorias não é fácil. Isto se intensifica num campo de abrangência como esse que pretende articular, no mínimo, a educação com a comunicação, telecomunicações, artes e cultura. Porém, isso não nos inibiu de fazer um esforço de aproximação. Realizamos uma leitura dos títulos, resumos e trabalhos integrais disponíveis, não fazendo distinção, para essa abordagem, entre encomendados ou submetidos (orais e pôsteres), porque o que queríamos era construir um *olhar panorâmico* que

possibilitasse uma análise do nosso movimento até agora e, com isso, buscar novas pistas, novos campos e novas abordagens para os trabalhos de pesquisa na área, nas instituições de pesquisa educacional. Assim, de posse de toda a programação, buscamos indicar grandes grupos temáticos e assim os aglutinamos em torno desses grupos (enfoques/objetos de pesquisa) e, para dar uma ideia mais visual ao nosso movimento, os denominamos por uma única *palavra representativa*, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Enfoques dos trabalhos apresentados no GT 16 da ANPEd (1991/2007)

DESCRIÇÃO (TENTATIVA) DOS ENFOQUES	PALAVRA REPRESENTATIVA (NATUREZA DO TRABALHO – TAG)
Pesquisas teóricas mais abrangentes sobre os processos comunicacionais e sua relação com a educação	TEÓRICOS
ANÁLISES E AVALIAÇÃO DE PROJETOS ESPECÍFICOS	PROJETOS
ANÁLISES E AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	POLÍTICAS
PESQUISAS MAIS LIGADAS ÀS ARTES (OU ARTE-EDUCAÇÃO)	ARTES
ANÁLISE DA MÍDIA (TV, VÍDEO, JORNAIS, CONSUMO, PUBLICIDADE)	MÍDIA
LINGUAGENS, ESPECIFICAMENTE DA MÍDIA OU MAIS AMPLAS COMO LITERATURA, QUESTÕES DO CORPO, ENTRE OUTROS	LINGUAGENS
MUSEUS, CENTROS E ENSINO DE CIÊNCIAS	CIÊNCIAS
PROCESSOS DE DIVULGAÇÃO NO CAMPO DAS CIÊNCIAS	DIVULGAÇÃO
FORMAÇÃO DE PROFESSORES	FORMAPROF
HISTÓRIA, FILMES, IMAGEM E FOTOGRAFIA (E MESMO O VÍDEO), SEJA COMO REGISTRO OU COMO ELEMENTO DE PESQUISA	FILMES
PESQUISA SOBRE CIBERCULTURA, REDES INTERATIVAS E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA MAIS RECENTE, MUITO ASSOCIADO COM A INTERATIVIDADE, INCLUSÃO DIGITAL E TEMAS CORRELATOS	TIC
MATERIAIS DIDÁTICOS, INCLUSIVE LIVROS, REVISTA E <i>SOFTWARES</i> EDUCACIONAIS	m_didáticos
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E EDUCAÇÃO <i>ON LINE</i>	ead
JOGOS (<i>VIDEOGAMES</i>)	games

Permitam-nos insistir que não se trata de categorias rígidas e, mais do que tudo, sabemos que muitos trabalhos contemplam duas ou mais “categorias” das anteriormente descritas. Procuramos ver, e aí o olhar é absolutamente nosso, qual poderia ser a categoria que mais fortemente representaria um ou outro trabalho, fazendo, assim, a opção de nele marcar a *tag* (etiqueta) correspondente. Com isso pudemos, utilizando um recurso muito em uso na

internet, trabalhar com um *diagrama de nuvens* onde a "palavra representativa" tem um tamanho proporcional à quantidade de trabalhos nela classificados, repito, conjunto de números não rígidos, mas que nos possibilitam uma análise qualitativa na busca por estabelecer uma *fotografia de obturador aberto* (Pretto, 1985) da realidade da pesquisa nesse campo, ao longo dos últimos anos. O diagrama de nuvens gerado:



[Figura 1. Diagrama de nuvens da produção. Elaboração própria^{vii}]

Uma breve leitura do resultado apresentado na figura indica-nos, pelo menos, duas grandes evidências: de um lado a presença intensa de pesquisas que estão voltadas para uma reflexão mais teórica sobre a nossa própria temática; de outro, a forte presença, manifesta desde o início do GT, de pesquisas preocupadas com a mídia de uma maneira geral, compreendendo aí, como já explicitamos, diversos aspectos dessa preocupação investigativa (quadro anterior). Pensamos ser necessário esclarecer, mais uma vez, que não estamos afirmando que as pesquisas que não estão no primeiro grupo (“teóricos”) não tenham um embasamento teórico. Elas foram separadas por conta de identificarmos nas pesquisas aqui “enquadradas” que o seu objeto é a própria temática do GT. Nas demais, existe um objeto ou campo a ser analisado mais específico (análises de programas, políticas, experiências, formação de professores, entre outros), evidentemente que com um embasamento teórico, fortemente vinculado a grande parte das pesquisas do primeiro “grupo” e que estão subjacentes aos enfoques teóricos e metodológicos escolhidos pelos seus autores. Além disso, podemos perceber que o tema das artes – ou arte-educação, se desejarmos - tem tido forte presença no GT assim como tem sido intensa a presença de trabalhos que têm como objeto o ensino e a divulgação da ciência, registrando aqui, inclusive, o dos museus de ciências e de arte. Evidencia-se, ainda, que as discussões sobre as tecnologias contemporâneas de informação e comunicação se dão de forma tímida, mesmo reconhecendo que, pela análise da programação do GT ao longo do tempo, a temática tem tido sua presença aumentada nos últimos anos. Prospectivamente, pode-se inferir que esse é um tema que tende a crescer, já que tem sido objeto de inúmeras políticas públicas e intervenções na sociedade contemporânea, particularmente no Brasil. Por último, mas não menos importante, podemos observar a tímida presença da temática da educação à distância ou da educação *online* nas

pesquisas apresentadas na Anped. Obviamente que o fato de existir uma Associação específica para o tema, a ABED, pode ser um elemento canalizador dessas pesquisas para os seus próprios eventos. De qualquer modo, esse nos parece ser um tema fundamental e que demandará do GT16 e da Anped como um todo, um olhar mais intenso sobre ele, visto que já começamos a perceber uma intensificação de investigações sobre a temática nos Programas de Pós-Graduação em Educação.

Um tema que ainda não vimos ser tratado no GT diz respeito ao *software livre* e às tecnologias livres, mais particularmente a questão dos direitos autorais, *Copyleft* e *Creative Commons*, associado a uma maior discussão sobre as denominadas políticas de inclusão digital. Também aqui, julgamos ser fundamental que se discutam e proponham ações mais indutivas para essas abordagens.

Para mais Andar

O percurso histórico realizado possibilitou a identificação das principais frentes de pesquisa que *rondam* o GT 16 da Anped e a sua (ou não!) consistência teórica e política. No entanto, resta-nos levantar algumas questões que, em nossa compreensão, já constituem aspectos estruturantes para a educação e que ainda estão distantes desse grupo de trabalho e da principal Associação de Pesquisa em Educação do país. Referimo-nos, particularmente, a dois grandes grupos que podem, por evidente, incorporar um conjunto relativamente grande de subgrupos temáticos. O primeiro deles diz respeito à educação à distância. O outro é a questão do software livre e, associado a ele, todas as questões ligadas às tecnologias livres e à inclusão digital.

No particular da educação à distância, gostaria de dedicar algumas linhas para a nossa reflexão. Trata-se da importância que esse tema vem tendo na sociedade em geral e particularmente no Brasil, em função das políticas públicas em implantação, com destaque para o projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a proliferação de cursos oferecidos à distância pelas instituições privadas de educação, com destaque para a grande quantidade de cursos de licenciatura, o que demanda de nós, educadores, uma reflexão mais profunda tanto em termos políticos como em termos conceituais.

Em uma outra dimensão, a emergência da chamada sociedade do conhecimento tem trazido as tecnologias da informação e comunicação para cada vez mais perto da educação, particularmente com políticas públicas que reservam grande quantidade de recursos para essa área, na perspectiva de que as escolas sejam "conectadas" com o chamado mundo

contemporâneo. Exemplo maior disso é a proposta de enorme investimento na aquisição de *Um Computador para cada Aluno*, programa UCA, tema que, certamente, deverá ser objeto de inúmeras pesquisas futuras. E, nesse particular, os temas *software livre* e *licenças criativas* nos parecem fundamentais para a educação, demandando dos educadores um maior debruçar sobre eles, de forma a possibilitar uma intensificação da produção de investigações dessas temáticas no âmbito da educação.

Esse resgate histórico, agora de novo na primeira pessoa, foi uma viagem no tempo e no espaço, que incluiu o universo da cibercultura para que me permitisse, nesses 30 anos da Anped e 16 do *GT Educação e Comunicação*, buscar contribuir para um repensar sobre o nosso caminhar, sem desconsiderar o já percorrido, nem considerá-lo certo ou errado, e com isso, também sem a preocupação de generalizar, poder contribuir para um olhar mais profundo sobre o que se está investigando no Brasil. Com isso, imagino poder contribuir com o pensar e propor novas questões de pesquisas para os Programas de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, especialmente eles, contribuindo assim com o avanço das diversas linhas de pesquisas implantadas ou a serem constituídas. Afinal, buscamos conhecer, cada vez mais, para contribuir com a sociedade, não de uma posição superior, mas com ela estabelecendo um diálogo permanente, aberto e franco. Dessa forma, essa foi apenas uma compreensão entre muitas, que corresponde à leitura de um pesquisador singular sobre aquilo que considerou importante nestes 16 anos. Uma leitura, portanto, “sobre as importâncias”. Melhor do que eu, Manoel de Barros:

Uma rã se achava importante
Porque o rio passava nas suas margens.
O rio não teria grande importância para a rã
Porque era o rio que estava ao pé dela.
Pois Pois.
Para um artista aquele ramo de luz sobre uma lata
desterrada no canto de uma rua, talvez para um
fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais
importante do que o esplendor do sol nos oceanos.
Pois Pois.
Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um
prédio que ficava em frente das pombas.
O prédio era de estilo bizantino do século IX.
Colosso!
Mas eu achei as pombas mais importantes do que o prédio.
Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira dos Andes.
Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira dos Andes.
O pessoal falou: seu olhar é distorcido.
Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?
Eu só queria construir nadadeiras para botar nas minhas palavras.

Com as nadadeiras de Manoel de Barros, gostaria de poder fazer com que minhas palavras e a leitura que fiz desses anos pudessem ecoar em todos aqueles que investigam a educação neste país de tantas contradições.

Referências

ANPED. Boletim da Anped – 12ª Reunião Anual – 8 a 12/5/1989. Reunião Anual da Anped, Belo Horizonte / MG, 1990.

ANPED. 15ª Reunião Anual. *Reunião Anual da Anped*. Caxambu / MG, 1992.

ANPED e INEP. *Teses em Educação – 1990*. Porto Alegre / RS, ANPED e INEP, 1993.

ANTUNES, R. *Ricardo Antunes esmiúça o receituário neoliberal*, em http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2004/ju263pag11.html. Acesso em 20/6/2007.

BARRETO, R.G. e GUIMARÃES, G. (Org.) As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores, *Revista Brasileira de Educação* v. 11, n. 31, p. 31-42, 2006.

BARROS, M. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CURY, C. R. J. Quadragésimo ano do parecer CFE n 977/65. *Revista Brasileira de Educação*, v. 30, p. 7-20, 2005.

FERRARO, A.R. A Anped, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação, *Revista Brasileira de Educação*, p. 47-69, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000300005&nrm=iso. Acesso em 25/05/2007.

FOLHA de S. Paulo *Grandes Grupos põem em cheque a pluralidade da mídia*, São Paulo, 23 set. 2001, p. A4.

GOERGEN, P. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. *Em Aberto*, v. 5, n. 31, p. 1-18, jul. / set. 1986.

GOFFMAN, K. e JOY, D. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*, Ediouro, 2007.

GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil, *Cadernos de Pesquisa*, v. 1 n. 1, p. 48, 1971.

HERZ, D. *História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

MAGALHÃES, C. *TV Universitária: uma televisão diferente*. Disponível em http://www.abtu.org.br/default_visualiza_noticia.asp?codigo=177%20, acesso em 24/6/2007.

MOSTAFA, S. P. e MÁXIMO, L. *A produção científica da Anped e Intercom no GT Educação e Comunicação*. Ci. Inf. v. 32, p. 96-101, 2003.

MOTA, M.R. *TV Pública: a democracia no ar*. 1992 Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte.

NEVADO, R. A.; FAGUNDES, L. et al. Um recorte no estado da arte: o que está sendo produzido? o que está faltando segundo nosso subparadigma? In: *Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*, Vitória / ES, 2001.

PENTEADO, H. D. A história do GT Educação e Comunicação. *25ª Reunião Anual da Anped - Grupo de trabalho Educação e Comunicação*, 11 anos de GT16: p. 11 a 24.

PEREIRA, S. C. *Mídia-educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis*. Projeto de Dissertação (Qualificação) de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.

PRETTO, N. D. L. Educação e Comunicação: cruzando caminhos?! *14ª Reunião Anual da Anped*, mimeo, 1991.

TOSCHI, M. S. Grupo de Trabalho Educação e Comunicação - dez anos. *24ª Reunião Anual da Anped*. Caxambu / MG, Gráfica e Editora Vieira, 2001.

VATTIMO, G. A filosofia e o declínio do Ocidente. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, EDIPUCRS: p. 43-54, 1999.

(*) Este texto teve sua primeira versão apresentada na 30ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Caxambu em outubro de 2007. Foi retrabalhado como parte do pós-doutoramento do autor na *Universidade Trent de Nottingham*, Inglaterra, durante o ano de 2008/2009. Agradecimento à Capes pela bolsa de pós-doutoramento e ao Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, onde as pesquisas que dão sustentação a este e outros textos estão sendo realizadas.

i Local das Reuniões Anuais da Anped, desde 1992.

ii <http://www.intercom.org.br/pesquisa/educativa.shtml>. Acesso em 20/6/2007.

iii [Ttp://www.ucbc.org.br/institucional.asp](http://www.ucbc.org.br/institucional.asp). Acesso em 25/6/2007.

iv *Tecnologia Educacional* (ano I, n° 7, jun. / 82); *Educação e Informática* (ano II, número 17, jul. / 83); e, *Tendências na Informática em Educação* (Ano XII, n° 57, jan. / mar. 1993).

v http://www.tuneldotempo.inep.gov.br/1970/tx_1975.htm. Acesso em 20/6/2006.

vi Navegar é preciso, poema de Fernando Pessoa, capturado em <http://www.fpessoa.com.ar/poesias.asp?Poesia=036>, em 20/6/2007

vii Agradeço a Aurélio A. Heckert.